



Rádio: o meio de comunicação para a inclusão social dos deficientes visuais¹

Lívia Moreira BARROSO²

Sammara JERICÓ³

Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Resumo

Entendendo que o rádio é um meio de comunicação de grande apelo popular e que tem a capacidade de alcançar de forma democrática todos os públicos, o mesmo merece um estudo mais elaborado a respeito da sua relevância para a vida dos deficientes visuais. O artigo que se segue visa fazer uma análise do rádio como o veículo de comunicação que é aliado na inclusão social do deficiente visual. O objetivo do presente trabalho é compreender como o referido meio de comunicação é utilizado pelas pessoas com problemas na visão para se situarem nos acontecimentos que ocorrem na sociedade. Neste aspecto, usamos o método qualitativo e a metodologia da pesquisa foi a Entrevista em Profundidade, para alcançarmos os resultados desejados. Pretendemos com essa pesquisa contribuir para os estudos sobre o rádio e a sua relação com os cegos.

Palavras-chave

Rádio; Inclusão Social; Deficientes Visuais

Introdução

Na atualidade, os meios de comunicação têm acompanhado cada vez mais o desenvolvimento da tecnologia, e com isso vem aprimorando as técnicas de produção e de atualização das informações, especialmente em veículos como a internet e a televisão. E essas novas formas de informar o público são voltadas, principalmente para as pessoas que possuem os sentidos perfeitos, ou seja, os meios de comunicação acima citados, apresentam a combinação completa entre imagens, texto e áudio. Porém, existem as pessoas que não conseguem usufruir dessa combinação, ficando muitas vezes a margem da produção informativa da sociedade, como é o caso dos deficientes visuais.

¹ Trabalho apresentado no II 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012;

² Aluna recém-formada do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Email: liviabarroso89@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Email: samjerico13@yahoo.com.br



O rádio é o meio de comunicação mais democrático no que diz respeito à acessibilidade. O veículo citado é capaz de chegar aos lugares mais remotos e alcançar os mais variados públicos, sejam eles: letrados, analfabetos, videntes⁴ e deficientes visuais, por exemplo. Por ser o único veículo de comunicação essencialmente oral, de acordo com pesquisas realizadas por pesquisadores como, Godoy (2002) e Mcleish (2001) fica evidente que o mesmo é a mídia mais utilizada por que não possui visão. Para Mcleish (2001, p. 32), “[...] mais acessível do que os livros, o bom rádio trás sua própria ‘biblioteca’, de especial valor para os que não podem ler – analfabetos, cegos, pessoas que por qualquer motivo não têm acesso à literatura em sua própria linguagem”.

Diante de tais encaminhamentos, nosso intuito é analisar como o veículo de comunicação em estudo contribui para a inclusão dos deficientes visuais nessa sociedade cada vez mais focada na informação.

Rádio: características que contribuem para a comunicação com o cego

Por ser um meio de comunicação essencialmente oral, o rádio consegue conquistar públicos diferenciados, pois uma de suas características mais marcantes é a possibilidade do seu ouvinte criar imagens, através dos sons emitidos pelo veículo.

De acordo com Quinteiro (2007), a forma que o locutor pronuncia as palavras no rádio é essencial para o processo de estímulo da imaginação de quem escuta. Para a autora (2007, p. 138), “para um ator (locutor) a palavra não é apenas um som, é uma evocação de imagens”, ou seja, é através do bom uso das palavras que os locutores permitem o processo de formação de imagens na mente de quem ouve. O que segundo, Mcleish (2001, p.15) “o rádio é um meio cego, mas pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte tente visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz”.

Para Piernes (1990, p. 77) “a mente humana crê muito mais em sua própria imaginação do que no que seus olhos veem”. De acordo com o autor, o que torna o rádio mais interessante é a ausência de limitações físicas, ou seja, nesse meio de comunicação quem recebe a mensagens, não está preso às imagens já pré-determinadas, como é o caso da televisão e dos meios impressos, como revistas e jornais.

⁴ O termo videntes é utilizado pelos deficientes visuais para denominar as pessoas que tem a visão perfeita.



De acordo, com Prado (1985, p. 19), a ausência de imagens que poderia ser vista como um ponto negativo no rádio torna-se uma característica positiva, pois, “o ouvinte, tem que criar mentalmente a imagem visual transmitida pela imagem acústica.”

Segundo Mcleish (2001, p.16), os efeitos provocados pelos sons emitidos pelo rádio, afetam mais profundamente a vida de quem o ouve, mas do que imaginamos. Para ele, nesse meio eletrônico, as imagens vão além das representadas pelos demais veículos, o que para o autor, “as passagens e sons do rádio são criados dentro de nós, podendo ter impacto e envolvimento maiores”.

Outros autores que creem no poder que o rádio tem de criar imagens na mente dos seus ouvintes são Barbeiro e Lima (2002, p. 29), que segundo eles, “não se pode esquecer que somente as palavras podem processar o pensamento crítico, e este é um atributo que o rádio precisa usar e divulgar: a imagem não é tudo”.

Já para Godoy (2002, p. 46), “o rádio é um meio que pode criar um mundo acústico de realidade”. Para autora (2002, p. 45), esse veículo possibilita a comunicação para os deficientes visuais, sendo que “os textos lidos em uma emissora são as referências aos ouvintes que não conseguem enxergar, pegar ou apalpar”. Podemos perceber que de acordo com a autora acima citada, essa é uma das características que é de fundamental importância, e deve ser o mais auto-descritiva, para que a mensagem transmitida no rádio possa ser compreendida e imaginada por seus mais variados públicos, sejam do mais letrado ao analfabeto, ou do deficiente ao com os sentidos perfeitos.

Outra característica importante para o bom relacionamento entre o rádio e os deficientes visuais é o uso da linguagem adequada. De acordo com os manuais de radiojornalismo, a linguagem radiofônica tem que ser simples e de fácil compreensão.

Então, Meditsch (2001, p. 182) observa que com o desenvolvimento do rádio, o texto lido nas transmissões passou por diversas modificações, e os profissionais perceberam que “[...] o jornalismo escrito para o microfone não poderia ser da mesma maneira que para o jornal [...]”. Portanto, diante das considerações feitas pelo autor, é possível perceber que a linguagem do rádio, começa a ter características próprias, entre elas à utilização frases curtas e objetivas.

De acordo com Alves (1989) apud Godoy (2002, p. 60), “é fundamental fazer uma linguagem visual, criar imagens na mente de quem escuta. A linguagem deve ser a mais descritiva possível, de modo que o ouvinte veja, sinta e viva a situação.” Além, da questão da visualidade que a linguagem do rádio deve proporcionar no ouvinte,



Hartmann e Muller (1998), afirmam que para uma boa comunicação por meio do veículo citado, a linguagem do mesmo deve ser: clara, breve, repetitiva, ativa, nova, humilde, persuasiva, concreta, visiva, particular, rítmica, musical e agradável.

A sonoridade da inclusão

Desde os primórdios da sociedade que o homem teve a necessidade de se comunicar. Para o teórico francês Michel Maffesoli (1995), a comunicação desempenhou e desempenha um papel fundamental para a vida humana, uma vez que ela é tida como um “cimento social”, servindo de “cola” social para os indivíduos socialmente desfavorecidos.

Para o autor (1995), o sentido de comunicar não está somente nas mensagens transmitidas pelos veículos de comunicação. Mas sim, em como estas mensagens são socializadas por quem as recebe, ou seja, se a comunicação proposta pela mídia atua como um suporte para o fortalecimento da inclusão social das pessoas marginalizadas socialmente.

No tocante a inclusão social, Bruno (2006, p.11) afirma que, existem diversas as formas de incluir uma pessoa com deficiência na sociedade e uma delas é pela educação.

A educação inclusiva pode desempenhar importante papel de transformação cultural em relação à deficiência visual, principalmente, no que diz respeito à reflexão sobre os mitos e estereótipos atribuídos às pessoas cegas e de baixa visão nos diferentes momentos históricos. A construção social da deficiência visual, através dos tempos, tem sido repleta de mitos, estereótipos e barreiras atitudinais que influenciam as relações sociais, as formas de interação e a formação do auto-conceito dessas pessoas.

Como citado acima, à educação inclusiva vem sendo na atualidade uma das alternativas para o processo de inclusão de quem tem alguma deficiência. Mas, de acordo com Soares (2009), falar de inclusão social dos deficientes é uma necessidade, uma vez que, é significativo que ponhamos em prática, a democracia e a cidadania, direitos que são de todos independente de limitações físicas ou mentais.

Para a autora (2009, p. 21), é importante que se respeite esses direitos, pois, “as pessoas com deficiência devem ter acesso garantido ao conjunto de políticas públicas e



à inclusão social [...] devem ser vistas como cidadãs, participantes e construtoras de uma sociedade [...]”.

Além da educação, outro elemento para a inclusão social é a utilização dos meios de comunicação de massa, como o rádio, a televisão, a internet e as mídias impressas (jornais e revistas). Para Canziane (1994), os veículos de comunicação aparecem como uma alternativa para fazer com que a sociedade se torne conhecedora das limitações dos deficientes visuais, e assim, fique atenta para reconhecer que mesmo com algum impedimento, os deficientes podem e devem participar da vida social.

Para Yngaunis (2001), são inúmeros os movimentos que existem para incluir as pessoas com deficiência nos diversos setores da sociedade, seja nas escolas regulares, no mercado de trabalho, lutam por um transporte e espaços públicos mais acessíveis. Porém, uma questão que ainda vem sendo deixada de lado, segundo a autora, é a questão da acessibilidade à informação dos meios de comunicação de massa.

De acordo com Yngaunis (2001), são dois os enfoques que os meios de comunicação vêm tratando a questão da deficiência, sendo o primeiro no enfoque “científico” e depois no “assistencialista”.

Para a autora (2001, p. 02), o enfoque “científico”, é detectado em programas de entrevistas, documentários e reportagens que abordam temas relativos à área de saúde, “tais como novos tratamentos e medicamentos, ou novas abordagens no processo de reabilitação da pessoa com deficiência”. Enquanto o enfoque “assistencialista”, Yngaunis (2001) destaque que é quando entidades e instituições utilizam a mídia para divulgar o trabalho das mesmas, com a finalidade de conseguir recursos que garantam a sua permanência e funcionamento.

A autora (2001) aponta que os meios de comunicação, principalmente, os de grande alcance, como a televisão, o rádio e a internet devem conhecer quais as reais necessidades dos deficientes, pois, segundo ela, os mesmos são consumidores da mídia, assim como as pessoas que não tem limitação, física ou mental.

Conforme Marques (2001), os meios de comunicação de massa vêm utilizando três formas ideológicas para a formação discursiva dos mesmos, o que foi verificado pelo autor, ao fazer a análise do discurso de três jornais de circulação nacional. Segundo Marques (2001), essas formas discursivas são caracterizadas como: a “exclusão”, onde a mídia isola as pessoas com deficiência; a “integração”, que dá visibilidade aos mesmos; e a “inclusão”, que está fundamentada na acessibilidade dos deficientes aos meios de comunicação.



Soares (2009, p. 74) alerta que a mídia tem que ser um elemento de aproximação entre o deficiente visual e a sociedade como um todo. Para a autora, isso é uma discussão que vem sendo levantada há pouco tempo, e que o processo de inclusão social, dos deficientes pelos meios de comunicação acontece quando, os veículos “utilizam e imagens para apresentar a deficiência e suas conseqüências”.

Mas Soares (2009), também frisa que a inclusão do deficiente pela mídia, não está somente na divulgação e no esclarecimento do que venha a ser a deficiência, pessoas deficientes, entre outras questões que envolvam a temática.

De acordo com a autora (2009), o que é mais importante para que os deficientes se sintam inclusos na sociedade pelos meios de comunicação, é ter acesso aos mesmos, ou seja, é cada veículo de comunicação fazer da sua programação mais acessível, ter uma linguagem auto-descritiva, ser de fácil compreensão e que cada pessoa independente da sua limitação, seja capaz de entender o que o veículo está propondo, e realmente pôr em prática o real sentido da palavra comunicação, onde um envia uma mensagem e o seu receptor decodifica a mesma.

Os meios de comunicação além de levarem informações para as pessoas exercem outra função, que diz respeito ao poder de influenciar na vida social, capaz de contribuir para a construção de uma sociedade inclusiva, ou seja, os meios de comunicação têm um papel importante que é a responsabilidade social.

Em se tratando do rádio, o que podemos perceber é que, mesmo com o passar dos anos e com o surgimento de novos veículos de comunicação, o mesmo ainda desempenha um papel fundamental na vida das pessoas com alguma limitação, seja ela física, mental ou intelectual.

De acordo com Roquette Pinto (apud FERRARETO, 2001, p.97), “o rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que realizem com espírito altruísta e elevado”.

Então, o que é verificado é que o rádio atua como um meio de comunicação democrático, de fácil acesso, de baixo custo e que atende aos mais variados públicos. E entre os públicos atendidos pelo rádio estão os deficientes visuais, que de acordo com Godoy (2002, p. 19) é a este o “meio a que os deficientes visuais recorrem e têm mais acesso, até porque é um veículo facilitador na transmissão da informação, já que com um simples toque (ato comum aos deficientes visuais) pode-se, a qualquer momento, ligá-lo e ficar a par dos fatos no decorrer do dia”.



Mas, para Godoy (2002) o que faz do rádio um verdadeiro “companheiro” do deficiente visual, não é somente a questão de ser de fácil acesso, mas também para a autora, por ser um meio de comunicação essencialmente oral, então os deficientes visuais veem no rádio a possibilidade de veículo de comunicação completo, ou seja, adequado às suas necessidades, uma vez que, não é preciso do uso da visão para o entendimento da mensagem radiofônica.

Assim sendo, Godoy (2002, p. 101) afirma que:

Os cegos são, muitas vezes, beneficiados por este meio eletrônico (o rádio). Esta parcela da população, discriminada em certas circunstâncias da vida ou por não conseguirem um emprego ou por serem alvo de olhares curiosos e rebaixadores de alguns membros da sociedade, só encontram, muitas vezes, neste veículo o caminho para se informarem sobre os fatos que ocorrem fora de seus ambientes familiares, já que são poucos os que têm acesso a uma revista em braille e quase todos nunca tiveram nas mãos um jornal nestes moldes.

De acordo com a autora (2002), o que é importante destacar, é que o rádio por meio da sonoridade, atua como um incentivador da imaginação do deficiente físico, fazendo com que o mesmo se mantenha informado e conseqüentemente incluso dos acontecimentos que ocorrem na sociedade na qual ele faz parte, e muitas vezes não sabe, sendo o rádio o grande responsável pelo ato de informar e entreter os deficientes visuais.

Resultados e discussões

Metodologia

Como afirma Biachi (2006), a escolha da metodologia apropriada para o desenvolvimento da pesquisa é fundamental, uma vez que, o procedimento metodológico errado pode comprometer o andamento do estudo. Para a autora, outro aspecto fundamental em uma pesquisa é o relacionamento entre o pesquisador e o seu pesquisado, onde precisa ser pautado pelo respeito, veracidade e as intenções do pesquisador devem estar bem explícitas e justificadas para que o pesquisado reconheça a importância de sua participação na pesquisa.

Como já mencionado anteriormente, optou-se pela metodologia da Entrevista em Profundidade, já que o alvo principal da mesma é obter respostas que correspondam aos objetivos da pesquisa.



Assim, Duarte (2006) destaca que, a entrevista em profundidade permitir que o pesquisador consiga mais que meras respostas que levam a quantidade, pois possibilita um aprofundamento e uma análise do assunto.

Neste contexto, ressalta-se que para a elaboração dos questionamentos da entrevista em profundidade foi escolhida a categoria de entrevista semi-aberta, que consiste num roteiro inicial de questões que servem como guia e que são exploradas ao máximo, levando em conta os conhecimentos do pesquisado.

As entrevistas de pesquisa foram aplicadas nos dias 15 e 16 de outubro de 2011 a sete deficientes visuais da cidade de Picos, com faixa etária entre 30 e 50 anos. As questões foram divididas em quatro categorias: a relação do entrevistado com o rádio, a importância do rádio na vida do deficiente visual e a inclusão social do deficiente pelo rádio, pois de acordo com Duarte (2006), a divisão por categorias ajuda na aquisição de informações pertinentes à pesquisa. Porém, no presente artigo vamos apresentar apenas os resultados obtidos com dois entrevistados, uma vez que, devido a quantidade de informações, não será permitido a apresentação das respostas de todos.

Assim, a escolha dos entrevistados se deu por meio da seleção não-probabilística intencional, que é quando “o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva” (DUARTE, 2006, p. 69). Portanto, para a seleção dos três entrevistados se levou em consideração a relação existente entre os pesquisados e o rádio, além de ambos demonstrarem interesse e disponibilidade para a pesquisa.

Então, o número de pesquisados se mostrou suficiente, pois, com a entrevista em profundidade e as informações adquiridas se mostraram satisfatórias para a compreensão do tema. Vale ressaltar que os resultados obtidos com as entrevistas em profundidades serão divididos em três partes, cada uma direcionada a cada entrevistado, por acreditar que dessa maneira será de mais fácil compreensão e entendimento as informações passadas pelos os pesquisados, ainda que em alguns momentos as análises se tornem repetitivas.

Um breve relato dos resultados obtidos com as entrevistas em profundidade

A senhora Lúcia de Fátima Fortaleza da Silva⁵, 30 anos, deficiente visual 30 anos, residente no bairro Centro na cidade de Picos, foi uma das entrevistadas para o

⁵ Entrevista concedida a esta pesquisado em 16 de outubro de 2011, na cidade de Picos – Piauí.



desenvolvimento desta pesquisa. De acordo com os resultados obtidos com suas respostas, verifica-se que o mais apreciado por ela no tocante ao rádio são informação e programas religiosos. Entende que o veículo é responsável por atualizá-la do que acontece na cidade e também de promover a fé cristã em quem escuta a programação religiosa.

Ao ser perguntada há quanto tempo escuta rádio, a mesma afirma que o meio de comunicação sempre esteve presente na sua vida, desde a sua infância. Silva (16/10/2011) relata que ouve principalmente de 5 horas às 6 horas, quando está sendo transmitida a missa em uma das emissoras da cidade, e aos jornais que passam por volta do meio-dia. De acordo com a entrevistada, o rádio já foi mais constante na sua vida, mas que atualmente outras atividades impedem de ter uma maior relação com ele. Mas, segundo ela, mesmo que escutando em menor quantidade do que há anos atrás, o rádio continua a fazer parte da sua vida como o meio de comunicação mais presente.

A entrevista também enfatiza que quando está ouvindo rádio desenvolve outras atividades, principalmente, tarefas relacionadas ao lar. “É ouvindo rádio e fazendo as tarefas de casa. Pela manhã, enquanto eu faço o café, o rádio está ali ligado” (SILVA, 15/10/2011). Sobre este assunto, Mcleish (2001) afirma que o rádio é o único veículo de comunicação que permitem ao seu receptor o desenvolvimento de outras atividades enquanto está lhe ouvindo. Para o autor, isso pode ser um ponto que também desfavoreça o rádio, já que ele tem que disputar atenção com as demais tarefas desenvolvidas por seus ouvintes. Mas, para Bianchi (2006), o veículo tem que aprender a lidar com estas temporalidades para garantir o seu espaço.

No tocante aos locutores, a pesquisada afirma que, na grande maioria das vezes gosta, mas tem deles que não conseguem “convencer”, a forma de falar não passa confiança e credibilidade. “Às vezes acontece de eu nem conhecer o locutor que está falando, mas logo percebo que ele não é bom, porque passa muita insegurança pela voz. Sabe aquela história o que ele está falando, não pode ser verdade” (SILVA, 16/10/2011).

Para Silva (16/10/2011), a grande maioria das mensagens repassadas no rádio são compreendidas por ela, mas existem momentos que os locutores não explicam com clareza o que pretendem informar para o ouvinte. Assim, a pesquisada entende que a linguagem do rádio poderia ser mais auto-descritiva, ou seja, mais objetiva e direta, par que não ocorram ruídos na comunicação. “Eu acho que tem locutor que fala muito



rádio, tinha que falar mais compassado, explicar melhor os assuntos” (SILVA, 16/10/2011).

É válido ressaltar que a entrevistada entende que a principal função do rádio é informar, portanto, se quem está falando para o ouvinte não passa segurança pela voz, o receptor não ficará convencido da veracidade da notícia.

De acordo com Silva (16/10/2011), o rádio deve informar e divertir as pessoas mas, ele é acima de tudo um companheiro do ouvinte.

O rádio faz muita companhia a quem está sozinho, às vezes você está só e vai e liga o rádio. Ali você canta, participa de programas, você é informado de tudo. Então, é uma forma de distração, informação, de companhia. Eu considero, então, que o rádio é o meu companheiro em muitos momentos. (SILVA, 16/10/2011)

Quando perguntada se é influenciada pelo o rádio, a entrevistada deu uma pausa para pensar, e logo depois respondeu que todas as pessoas que escutam o veículo são influenciadas pelo mesmo. De acordo com ela, o que o rádio mais determina em sua vida é a rotina, já que logo que acorda é uma das primeiras ações realizadas, é ligar o seu aparelho de rádio. Para Silva (16/10/2011), em grande parte das vezes o rádio transmite muita confiança, por esta razão, a principal influencia do mesmo está na questão de que ele é um disseminador de informações, e assim aquelas informações servirão de suporte para a construção de sociabilidade com o seu grupo social, ou seja, o que ela escuta no rádio será repassado para as pessoas com quem convive.

No tocante a inclusão social por meio do rádio, a pesquisada afirma que se sente incluída na sociedade por meio do veículo. Para ela, nunca existiu um momento específico que tenha sofrido algum tipo de dificuldade de entender as mensagens repassadas, mas acredita que os profissionais de rádio poderiam se preocupar com o modo de transmitir às informações.

De acordo com Silva (16/10/2011),

O deficiente visual já sofre tanto preconceito na sociedade, recebe nomes pejorativos como “incapaz”, “aleijado”, não tem espaço no mercado de trabalho, a cidade não é adaptada para a gente. Então, com tantos empecilhos a grande maioria acaba se isolando em casa. E o rádio, além de servir de companheiro, amigo, também é o responsável por incluir o cego na sociedade, porque assim, ele se informa e não é de todo uma pessoa alheia aos acontecimentos. Acho que o rádio é muito importante em



minha vida e de todas as pessoas que não enxergam, é meio que um refúgio.

É importante destacar que mais um entrevistado que colaborou com a concretização do presente trabalho de pesquisa foi o senhor Durval Mendes Barrados⁶, 44 anos e deficiente visual há 22. A partir de suas respostas constatou-se que o rádio é um elemento essencial para a construção da sua história de vida enquanto deficiente visual, acima de tudo para sua formação cultural. O entrevistado destaca que habitualmente, “eu escuto no rádio algo relativo à cultura, jornalismo e programas de informação. Quanto eu falo de programas culturais, me refiro, por exemplo, a programas de raízes da terra, a nossa cultura nordestina, a cultura cabocla, desde o violeiro, ao sertanejo” (BARRADOS, 16/10/2011).

Dessa forma percebemos o que Ortriwano (1985) afirma que é uma das principais características do rádio é o regionalismo. Para a autora, quando o ouvinte prefere escutar o veículo, ao invés de utilizar os demais meios de comunicação, este está tentando se encontrar no mesmo, ou seja, o ouvinte tenta encontrar na programação radiofônica características da sua região, a sua identidade regional.

Ao ser perguntado há quantos anos o pesquisado ouve rádio, o mesmo relatou que desde que começou a ter noção de mundo. Barrados (16/10/2011) afirma que:

O rádio faz parte da minha vida desde sempre, mas especialmente quando eu perdi minha visão, e eu comecei a tomar o rádio como um amigo, e desde aí, desde o tempo do meu pai, as horas que a gente tinha vagas depois do trabalho a gente estava escutando rádio. Até hoje eu mantenho esse hábito, mesmo com a evolução da tecnologia, a televisão, hoje tem celular, internet e outras coisas mais, mas o rádio para mim é insubstituível.

Outra questão proposta para o entrevistado foi a forma de comunicar dos locutores. De acordo com Barrados (16/10/2011), a linguagem é acessível e de fácil compreensão, porém o que mais deixa a desejar é na questão da imparcialidade. O entrevistado destaca que na maioria das vezes os locutores têm “falas tendenciosas, muito enfeitadas, e terminam não dizendo nada, e ainda por cima, com informações incompletas. Quando fala informações incompletas, porque na maioria das vezes todas as fontes não são consultadas” (BARRADOS, 16/10/2011). Segundo o pesquisado, por

⁶ Entrevista concedida a esta pesquisadora no dia 16 de outubro de 2011, na cidade de Picos – Piauí.



mais que existam problemas visíveis com o que é transmitido no rádio, o veículo ainda é o que mais lhe chama a atenção. De acordo com ele, o que desperta a sua curiosidade enquanto ouvinte é a magia do meio de comunicação, ou seja,

Você tem um aparelho na sua frente, você tem o captar de um som e desse som você desenvolve a sua imaginação. A pessoa que está do outro lado do rádio, o contato que ela tem com aquela pessoa que está falando é imaginativo, ela não sabe se a pessoa é magra, gorda, baixa, alta se ela tem um caráter bondoso ou não. Mas, a partir daquela informação a pessoa que está ouvindo desenvolve o seu pensamento em relação aquele locutor [...] Na TV a imagem para quem tem acesso ajuda a compreender a informação. Mas, no rádio não, é somente a voz. O rádio é um grande estimulador da imaginação do ouvinte. Eu ariscaria a dizer que ainda se passarão anos, séculos para se criar outro mecanismo informativo que se pudesse fazer isso.

No tocante a função do rádio, Barrados (16/10/2011) entende que o veículo é aquele amigo que não te escuta, mas ele fala para o ouvinte. Então, segundo ele a função do meio de comunicação em estudo é de levar educação, entretenimento, formar opinião, ajudar a moldar o comportamento do ouvinte. Para o entrevistado, é por meio dessas funções que o mesmo citou, que ele tem o rádio como um grande amigo, e que por essa razão segundo ele, os profissionais do rádio têm que ter compromisso com a apuração da notícia, já que o veículo é o grande influenciador da vida de muitos ouvintes.

Na segunda parte da entrevista o foco foi à relação do deficiente visual com o rádio. De acordo com Barrados (16/10/2011), o rádio é o meio de comunicação que mais atende os anseios de quem tem alguma limitação visual, devido à sua sonoridade. Porém, o entrevistado enfatiza que um problema constante no rádio é a linguagem, não que todas as emissoras tenha essa deficiência, mas algumas utilizam uma linguagem que não descreve o suficiente para o entendimento da mensagem. “Eu me guio pelo o que o locutor fala, pelo que ele me descrever, se a notícia tem a função de informar, formar opinião, ela tem que ser auto-descritiva” (BARRADOS, 16/10/2011). Segundo o entrevistado, ele tem facilidade para entender às mensagens transmitidas pelo rádio, mas às vezes vê a necessidade de uma melhor descrição, como já citado anteriormente, pois, como o mesmo afirma, nem todos os deficientes visuais têm a capacidade de compreensão aguçada.



Quanto a influencia que o veículo desempenha na vida do deficiente visual, o pesquisado destaca que o rádio é o único meio de comunicação que atende as necessidades dos cegos, e que por essa razão quem é ouvinte assíduo do mesmo tem o seu cotidiano influenciado pela programação radiofônica. De acordo com Barrados (16/10/2011), “acho que somos totalmente influenciados pelo rádio. Como a gente, deficiente visual não tem acesso à informação por outros meios de comunicação, é por meio do rádio que vamos ter isso”.

No tocante a inclusão social, o entrevistado entende que a mídia enfoca o assunto de maneira equivocada, já que entende como inclusão, a necessidade de se trazer quem está à margem da sociedade para o convívio social. Porém, segundo Barrados (16/10/2011) para incluir o deficiente visual na sociedade, as pessoas devem ir ao encontro das suas necessidades, passando a conviver com essas pessoas sem ter como foco a deficiência, mas sim, entender que quem tem alguma limitação física ou mental é um ser humano como outro qualquer. “Se você que se considera uma pessoa normal passar a conviver com um deficiente visual, somente assim, perceberá o potencial que essa pessoa tem” (BARRADOS, 16/10/2011).

De acordo com o entrevistado, o rádio é responsável pela inclusão do deficiente visual na sociedade, uma vez que, situa o cego dos fatos que estão ocorrendo no meio social em que muitas vezes ele é posto a margem. Para Barrados (16/10/2011), “o rádio me inclui na sociedade, mas ainda existem muitas falhas, como por exemplo, o que já foi mencionado anteriormente, a auto-descrição que não é totalmente eficiente”. Para o pesquisado, outra questão que deve ser enfocada pela mídia em geral, não somente pelo rádio, é discutir assuntos relativos à deficiência visual, já que se fala muito em deficiência, mas nunca especificamente sobre os problemas de visão.

Considerações Finais

Com este trabalho constatou-se que, mesmo com o avanço de tantas tecnologias, o rádio um dos mais antigos meios de comunicação ocupa um lugar de destaque na vida dos deficientes visuais, sendo a ser considerado o veículo de comunicação mais eficiente para o público em estudo.

Também é notável que as informações transmitidas via rádio são compreendidas mais facilmente por os cegos, do que as veiculadas nos demais meios de comunicação. Segundo a pesquisa, isso se justifica por ter o rádio um caráter extremamente sonoro, o



que facilita na compreensão da informação, já que a mensagem radiofônica deve ser a mais descritiva possível.

Assim, constatou-se que os deficientes visuais são beneficiados pelo rádio. Esta parte da população que sofre diversos preconceitos, sendo muitas vezes considerados incapazes de terem uma vida social ativa, tais quais os videntes, veem no rádio um refúgio para a solidão, sendo o veículo considerado por os entrevistados, um amigo, um companheiro.

Mas, além de um amigo e companheiro, o rádio é um aliado na inclusão social do público em estudo, ou seja, é através do referido veículo de comunicação que os deficientes visuais são inclusos na sociedade. É por meio do rádio que, quem tem problemas visuais tem contato com os acontecimentos que ocorrem no seu espaço social, que como afirma um dos entrevistados, “um espaço social que muitas vezes nos deixa de lado, e o rádio nos situa dos fatos que estão ocorrendo” (BARRADOS, 16/10/2011).

Porém, mesmo sendo o rádio um aliado na inclusão social do deficiente visual. É importante destacar que, sendo o veículo considerado eficiente na comunicação dos cegos, constatou-se com a pesquisa, que existe um aspecto citado pelos entrevistados que causa em alguns momentos ruídos na comunicação radiofônica, que é questão da linguagem.

Referências

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. de. **Manual de Radiojornalismo**, São Paulo: Campus, 2002.

BRUNO, M. M. G. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão dificuldades de comunicação sinalização: deficiência visual**. [4. ed.] – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

CANZIANI, M. L. **Mídia e deficiência: Manual de Estilo**. 2. Ed. Brasília: CORDE Nacional, 1994.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In. DUARTE, J.; BARROS, A. (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FERRARETO, L. A. **Rádio: o Veículo, a História e a Técnica**. 2ª edição. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001



GODOY, E. R. **Rádio: o informante dos que não enxergam**. 2002. 107f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis. Disponível em <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/10015.pdf>> Acesso em 07 jul. 2011.

_____. **Rádio, um companheiro do cego**. Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: <<http://repositorio.portcom.intercom.org.br/handle/1904/4624>> Acesso em 06 jun. 2011.

HARTMANN, J.; MUELLER, N. **A comunicação pelo microfone**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed, 1995.

MARQUES, C. A. **A imagem da alteridade na mídia**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MEDITSCH, E. **O Rádio na Era da Informação. Teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: UFSC, 2001.

MCLEISH, R. **Produção de Rádio: um Guia Abrangente de Produção Radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

SOARES, C. **A inclusão social e a mídia: um único olhar**. São Paulo: Cortez, 2009

PIERNES, G. **Comunicação e Desintegração na América Latina**. Brasília: UNB, 1990.

PRADO, E. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1985.

QUINTEIRO, E. A. **Estética da voz**. São Paulo: Plexus, 2007.

YNGAUNIS, S. **A relação do adolescente portador de deficiência e/ou deformidade e os meios de comunicação**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/4974>. Acesso em: mai. 2011